

Atos e palavras, ações e omissões

Ser tolerante e solidário pode não representar apenas mais uma escolha, mas uma questão de sobrevivência da própria humanidade

Samantha Buglione*
Especial para AN

*Samantha Buglione, mestre em direito, doutoranda em ciências humanas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora de bioética e introdução ao direito

Em 13 novembro de 1904 eclodia, na então região de Porto Arthur, a Revolta da Vacina. Conta a história que a revolta se deu mais em decorrência da expulsão da população de suas casas e das medidas autoritárias do governo do que por conta da vacina em si. Tanto que o presidente na ocasião, Rodrigues Alves, teria dito a Oswaldo Cruz: "Esta revolta não é contra o senhor, é contra mim".

De qualquer forma, a vacinação trouxe um impacto sem precedentes. A pesquisadora Débora Diniz, ao analisar este tema, observa que a saúde do início do século foi marcada por grandes epidemias e pela possibilidade, original, de imunização.

Com isso, o impacto desta tecnologia provocou o imediato questionamento sobre os usos e limites desta nova prática. Rui Barbosa, um dos maiores juristas brasileiros, conhecido como o Águia de Haia, foi um destacado opositor à vacinação compulsória - argumentava que a obrigatoriedade da vacina violaria as liberdades públicas por afrontar tanto a integridade quanto à liberdade dos cidadãos.

O conflito provocado entre o benefício possível e a suposta violação foi palco das principais discussões de saúde naquele período da história brasileira. Pouco mais de um século depois, a vacinação obrigatória encontra, hoje, pouca ou praticamente nenhuma resistência, configurando-se como dos únicos temas em saúde pública consensuado como necessário. Não se fala em imoralidade da vacinação, tampouco em violência. As famílias se submetem livremente e, via de regra, sem resistência à vacina, que acabou por se constituir como expressão de cuidado.

Se a bioética já existisse no início do século, o tema da vacinação seria pauta obrigatória tal qual é hoje a questão da doação de sangue em relação às testemunhas de Jeová, a eutanásia, o aborto, as tecnologias reprodutivas, a transexualidade, as uniões homossexuais, a utilização de recursos ambientais, a clonagem, a anencefalia, os direitos dos animais, os transplantes, as células-tronco, entre tantos outros que envolvem vida, morte e saúde. Temas que, da sua forma, causam impacto por apresentarem novas possibilidades e configurações às relações sociais.

A bioética trata de temas complexos relacionados a problemas éticos. Pode ser compreendida, de forma bastante introdutória, como um estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e dos cuidados da saúde.

Foi-se o tempo em que discurso e ação conjugavam o mesmo ato. Em que o discurso era a própria ação e a ação, expressão do discurso. Com a ruptura da coerência entre atos e palavras ou, simplesmente, com a fantástica criação de uma dicotomia entre ambos, muitos foram os discursos eternizados em declarações de guerra, de paz ou de direitos que buscaram redefinir as ações humanas.

.....

Progresso provoca novos questionamentos

Do ponto de vista dos fatos, a bioética vincula-se tanto ao progresso das ciências biológicas e biomédicas, que alteram os processos da medicina tradicional, quanto das tensões morais que redefinem a forma de pensar e compreender as práticas e ações humanas.

Por exemplo, seria possível crer, anos atrás, que a certeza de ser filho da mãe seria posta em xeque, uma vez que a maternidade se expressa tanto pela fecundação, pela gestação, quanto pela criação e que ambas, por assim dizer, podem ocorrer separadamente? Ou que a ciência, mesmo não definindo vida, diria o que é morte e, com isso, temas como o da anencefalia provocariam novos debates em relação ao aborto e aos transplantes. Ou, ainda, que além de ser possível fazer sexo sem reprodução seria possível, agora, reproduzir-se sem sexo? Que o conceito de família, consagrado pela moral religiosa, seria discutido para além da sua forma solidificada em dois sexos distintos e passaria a ser pensado a partir da sua essência de cuidado e cooperação e, por conta disso, famílias compostas por avós e netos, por pais e filhos, por tios e sobrinhos e por casais do mesmo sexo advogariam para si a denominação família? Que a forma com que se utilizam animais em pesquisas e para consumo seria questionada face à obviedade do sofrimento do outro?

Os temas que envolvem o agir humano em questões de vida e saúde são tão dinâmicos que a bioética hoje também é aplicada às questões da ética ambiental. Não há dúvida de que as tensões morais de hoje não são as mesmas da vacina obrigatória do século passado, mas tal e qual são as que provocam as certezas relacionadas aos limites e possibilidades das ações humanas.

A necessidade de um padrão moral que possa ser compartilhado por pessoas de moralidades diferentes é o que justifica ser a bioética um espaço de mediação. Afinal, é

preciso pensar o que fazer frente às indagações que nos surgem cotidianamente e fazer de forma não-autoritária.

A prática das soluções intolerantes, que resolvem tensões e conflitos com base na imposição de uma verdade sobre outra, não é possível em democracias liberais. Simplesmente porque, nestes modelos de organização social, a diversidade e a liberdade de idéias são valores fundamentais. Em outras palavras, não se pode submeter a delicadeza e a complexidade de temas envolvendo vida, morte, saúde e uso de tecnologias ao arbítrio de crenças de ordem religiosa, de interesses egoístas ou de paixões. Não que uma verdade religiosa não seja relevante: o ponto é que para questões que sejam de ordem coletiva, cuja regra de organização social não se fundamente na fé, mas na liberdade de pensamento e no interesse comum, a religião não é autoridade.

O mesmo ocorre com os interesses que se sobrepõem, para se realizarem, ao bem público. O que se afirma é que os dissensos se dão, em regra, na ordem dos conteúdos e não em relação aos valores defendidos. Ninguém, em sã consciência, duvida que a vida e o não-sofrimento são valores fundamentais. Porém, diferentes sujeitos divergem em relação ao momento da concepção, ao significado do que é um organismo vivo, debatem intensamente se animais têm direitos, se uma gestação de feto anencéfalo deve ser protegida ou não.

São em temas complexos como o aborto, ou nas simples escolhas do dia-a-dia - como reciclar lixo ou não, construir em área de preservação ambiental, comprar ou não produtos biodegradáveis, fazer ligação clandestina de esgoto, usar ou não produtos feitos à custa de mão-de-obra escrava ou do sofrimento animal, entre tantos outros exemplos, que a bioética se apresenta de forma concreta, para não dizer cotidiana. Peter Singer considera que "um tema ético importante é aquele que toda a pessoa que pensa um pouco tem de enfrentar".

Hoje, cada vez mais, cada ação singular tem conseqüências e repercussões gigantescas que não se encerram mais nos limites do espaço privado. Seja pela ação, seja pela omissão, o que fazemos tem efeito no outro e esse fato nos vincula responsabilmente pelas nossas decisões. Ser tolerante e solidário pode não ser apenas mais uma escolha, mas ser uma questão de sobrevivência da própria humanidade.

.....
A bioética surge para gerar moral comum

A banalização diante do terror dos campos de concentração nazistas e comunistas - que marcaram para sempre a história da humanidade - provocou o nascimento de dois discursos: dos direitos humanos, no final da década de 40, e da bioética, na década de 70. Ambos expressão de uma tentativa de resgatar uma moral comum e de dar luz ao fato de que a diversidade é condição moral para a existência da própria humanidade.

Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos reiterava os valores iluministas da liberdade, da igualdade e, principalmente, da diversidade. A bioética, por sua vez, representa, de um lado, a falta de tenacidade de realização prática do discurso dos direitos

humanos e, de outro, refere-se a um espaço de mediação de tensões morais, sem uma normatização imperativa, mas a conjugação de valores comuns. Trata de um constante exercício de diálogo diante da diversidade de sujeitos morais.

Na perspectiva histórica, é possível compreender o nascimento da bioética como consequência da tragédia moral do pós-guerra. O horror do mal banalizado presente, inicialmente, no açoitamento à vida dos campos de concentração, no uso de cobaias humanas para experimentos desnecessários e, ainda hoje, na morte fútil do alimento não distribuído, marcam a necessidade de um espaço que vise a dar força ao exercício da tolerância, da compaixão e do cuidado.

O neologismo bioética surgiu com o médico Van Rensselaer Potter, em 1971, e simbolizou a necessidade de pensar uma proposta de intervenção ética no campo da pesquisa, da técnica e de ações envolvendo vida, morte, saúde e doença. Outro marco foi em 1977, quando a National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research, criada pelo Congresso dos Estados Unidos, buscou elaborar alguns princípios gerais e comuns que permitissem resolver os casos apresentados e que, ao mesmo tempo, fossem aceitos pela maioria.

O resultado deste trabalho constitui parte do conhecido Relatório Belmont, publicado pela comissão, em 1979, no qual propõe princípios éticos básicos: o respeito à autonomia, à beneficência e à justiça. Esses três princípios foram estruturais para a bioética, mas, contudo, a bioética não se reduz a esta principiologia.

BUGLIONE, Samantha. Atos e palavras, ações e omissões. Artigo disponibilizado pelo autor.